

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CAROLINE DANIELA JULIO

**O INGRESSO NA UNIVERSIDADE:  
NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA/UNICAMP**

CAMPINAS

2018

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação

Caroline Daniela Julio

**O INGRESSO NA UNIVERSIDADE:  
narrativas de estudantes do Curso de Pedagogia/Unicamp**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para obtenção do diploma acadêmico em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança

Campinas

2018

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

J945i Julio, Caroline Daniela, 1994-  
O ingresso na universidade : narrativas de estudantes do Curso de  
Pedagogia/Unicamp / Caroline Daniela Julio. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Inês Ferreira de Souza Bragança.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Universidades e faculdades - Ingresso. 2. Narrativas. 3. Curso de pedagogia.  
4. Formação de professores. I. Bragança, Inês Ferreira de Souza. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Titulação:** Licenciatura em Pedagogia

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 09-07-2018

Dedico este trabalho aos que acreditam na  
educação pública de qualidade para todos.

## **Agradecimentos**

Gratidão a Deus pela vida, saúde, por estar ao meu lado sempre e pela oportunidade de encontrar esses desafios e, a partir deles, poder me aperfeiçoar, modificar minha forma de pensar e me constituir uma pessoa melhor. Ainda que causem medo, as mudanças são bem-vindas, pois nos sacodem e colocam em constante movimento.

Meus sinceros agradecimentos àqueles que sempre estiveram ao meu lado. Que vibram e torcem por mim. Que seguram minha mão e ajudam na caminhada quando a estrada está turva. Meus pais, Ana e Sebastião, isso é por vocês! Obrigada por todo amor e carinho à mim dedicados.

Aos meus irmãos, Bruna e João Pedro que sempre apoiaram e não me deixavam esquecer que este trabalho precisava ser escrito. Certo, João? (risos), que compreendeu as vezes em que não pude acompanhar ao assistir um filme ou então as recusas para jogar vídeo game. À Bruna por ser inspiração e que, mesmo longe, se faz presente. Pelas diversas vezes que ouviu minhas inquietações antes de dormir, mostrando seu apoio.

Ao meu companheiro, Bruno, pelo apoio, força nos momentos difíceis e sempre que possível estive (literalmente) ao meu lado enquanto eu estudava e redigia meu texto. Sempre disposto a ajudar e compreensível aos momentos em que eu precisei me dedicar.

Gratidão à Inês Bragança, amiga e orientadora que acolheu a mim e ao meu projeto. Me deu segurança, apoio, motivação e todo suporte necessário nessa caminhada. Meu grande abraço e sinceros agradecimentos por caminhar ao meu lado neste desafio.

Agradeço ao Professor Guilherme do Val Toledo Prado por aceitar o convite para ser segundo leitor deste trabalho e contribuir com seus apontamentos e sugestões.

Meu muito obrigada às colegas que aceitaram o convite para participar da pesquisa, compartilharam suas experiências e tornaram esse trabalho tão rico.

Agradeço aos colegas de turma pelos momentos de aprendizado, discussão e formação. E às colegas mais próximas que tornaram a trajetória mais leve e divertida.

Agradeço às colegas do Grupo de Pesquisa-Formação Polifonia Unicamp pela partilha e contribuição nas reflexões e questionamentos.

Sou grata por toda experiência vivida a partir do ingresso na Unicamp. Eu não deveria estar em outro lugar, senão aqui, com aquela turma e aqueles professores.

*“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.”*

Paulo Freire, 1997

## Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre experiências de ingresso de estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), convocados para a quarta chamada de matrícula do ano de 2013. O ingresso na Universidade é um período de grandes mudanças e deslocamentos e este processo influencia diretamente e é constitutivo na vida acadêmica do estudante. Na primeira semana de aula dos ingressantes, acontece a semana de integração com atividades, dinâmicas e exploração dos espaços do campus. Mas o que acontece com aqueles estudantes que perdem esta semana de integração, pois quando são convocados para a matrícula as aulas já tiveram início e esse momento já aconteceu? Como este período de adaptação constitui a vida acadêmica do estudante na universidade? Como se dão os desdobramentos de experiências acadêmicas dos estudantes ao longo da graduação? A pesquisa desenvolvida tomou como referência a perspectiva de pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica que, enquanto abordagem teórico-metodológica, tem como potencial possibilitar movimentos indissociáveis de construção do conhecimento e formação para todos os envolvidos, de explicitação e teorização sobre as experiências vividas, na trajetória de vida dos sujeitos. Com base nas questões de estudo e nessa fundamentação foi realizada uma roda de conversa a fim de ouvir as narrativas e memórias de três estudantes, incluindo a autora do TCC. A partir das experiências compartilhadas, foi realizada uma reflexão dialógica entre as narrativas. Por meio pesquisa-formação foi possível partilhar e perceber dificuldades iniciais de adaptação dos estudantes, com maior ou menor intensidade, como a falta de informação que foi comum a todas as participantes da pesquisa. A não participação das atividades de integração, que acontece na primeira semana de aula, em conjunto com outras questões, construíram um outro modo de adaptação das estudantes que não tiveram a oportunidade de participar de momentos de socialização e exploração de espaços físicos da Universidade que foram proporcionados aos demais alunos/as da turma. Ressalta-se, entretanto, que a experiência vivida ao longo do curso possibilitou gradativa socialização à vida acadêmica do curso e da Unicamp. A pesquisa aponta para possibilidade de um constante repensar sobre os processos de integração dos estudantes à universidade.

**Palavras-chave:** ingresso na universidade, narrativas, curso de pedagogia, formação.

## Sumário

Introdução .....	10
Memorial de formação.....	12
Origens.....	12
Trabalhar ou estudar, você não vai conseguir fazer os dois .....	12
Meu primeiro (e único) dia de aula em uma universidade privada .....	13
“Bem-vinda, a dura vida de Unicamp” .....	13
A chegada na universidade .....	14
Trabalho de Conclusão de Curso .....	15
O primeiro encontro.....	16
Referencial teórico-metodológico: aproximações e diálogos.....	18
Contextualização: vestibular, curso de pedagogia e desafios do ingresso na universidade.....	21
Um breve recorte sobre o vestibular .....	21
O Curso de Pedagogia no Brasil .....	22
Sobre o curso de Pedagogia Unicamp .....	23
Um olhar dirigido à literatura .....	24
A pesquisa-formação em movimento .....	28
Apresentação das participantes .....	28
Momentos anteriores à graduação .....	29
A matrícula, falta de informação e acolhimento.....	33
Semana de integração .....	34
Primeiros momentos na graduação .....	36

Classificação determina inteligência?.....	36
Considerações finais .....	40
Referências .....	43
Apêndices .....	46
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	46
Roteiro de Conversa.....	51

## Introdução

Convido você, leitor, a conhecer a presente pesquisa tem como objetivo compreender como se dá o ingresso na universidade de estudantes ingressantes após as primeiras listas de convocação para matrícula. Para este estudo contamos com a participação de estudantes convocadas na quarta chamada de aprovados do ano de 2013, incluindo minha participação como parte desse grupo.

O ingresso na universidade é um período de grandes mudanças e deslocamentos e este processo influencia diretamente a vida acadêmica do estudante. Na primeira semana de aula dos ingressantes, acontece a semana de integração com atividades, dinâmicas e exploração dos espaços do campus. Mas o que acontece com aqueles estudantes que perdem esta semana de integração, pois quando são convocados para a matrícula as aulas já tiveram início e esse momento já aconteceu? Como este período de adaptação constitui a vida acadêmica do estudante na universidade? Como se deram os desdobramentos de experiências acadêmicas das estudantes ao longo da graduação?

A pesquisa desenvolvida tomou como referência a perspectiva de pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica que, enquanto abordagem teórico-metodológica, tem como potencial possibilitar movimentos indissociáveis de construção do conhecimento e formação para todos os envolvidos, de explicitação e teorização sobre as experiências vividas, na trajetória de vida dos sujeitos.

Com base nas questões de estudo e nessa fundamentação foi realizada uma roda de conversa a fim de ouvir as narrativas e memórias de três estudantes. A partir das experiências compartilhadas, foi realizada uma reflexão colocando em diálogo as narrativas produzidas. A seguir, partilho movimentos de construção de cada capítulo, fazendo a você um convite à leitura. Não organizei o texto em capítulos ou, pelo menos, não chamei desse modo, pois são textos que se entrelaçam, diferentes momentos de um processo de pesquisa e formação.

Após a introdução, apresento os caminhos que me trouxeram à posição de pesquisadora, sujeito da pesquisa e narradora. Assim, divido com vocês fragmentos da minha história.

Uma história de vida é construída pela integração de todos os elementos do passado que o sujeito considera relevantes para descrever, entender ou representar a situação atual e enfrentar prospectivamente o futuro. As histórias de vida explicitam e tornam visíveis (para si mesmo e para os outros) o conjunto de percepções, interesses, dúvidas, orientações, marcos e circunstâncias que influenciaram e configuraram, de modo significativo, como a pessoa é e como age. Dessa maneira, dão uma ordem ao

conjunto dos acontecimentos passados, encontrando um fio condutor que estabeleça as relações entre o que o narrador era e o que é hoje. (BOLIVAR, 2011, p. 2)

No segundo momento, apresento o referencial teórico-metodológico que me guiou e me permitiu produzir este trabalho, abordando a perspectiva narrativa de forma tão prazerosa. Benjamin (1993) destaca a diferença entre informação e narrativa. A primeira delas só tem valor quando é nova e precisa entregar-se inteiramente àquele que a recebe. Diferentemente da narrativa, que “não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (p. 204).

O terceiro traz uma breve contextualização sobre o vestibular, o curso de Pedagogia no Brasil e na Unicamp. Posteriormente trago um olhar dirigido à literatura, por meio de um levantamento bibliográfico de trabalhos realizados dentro do mesmo campo temático.

E então, o texto que mais me alegra em compartilhar, as narrativas de minhas colegas de curso juntamente com as minhas. Neste, as participantes contam sobre os momentos iniciais da vida acadêmica. Busquei colocar na íntegra as falas das estudantes visto que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais” (BENJAMIN, 1993).

E, para finalizar, as reflexões sobre as experiências vividas e narradas, em que coloco as possíveis conexões ou divergências entre as situações vividas, como também busco um olhar amplo para compreender os desafios encontrados pelas participantes.

## Memorial de formação

Trago a você, leitor, uma história. Minha história. Ou, pelo menos, parte dela. Fragmentos de uma trajetória que me levaram a posição de pesquisadora. Mas não simples fragmentos, trago experiências, acontecimentos que me tocaram e pediram pausa para reflexão, assim como diz Larrosa (2002, p. 21) “experiência é aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” com capacidade de formação ou transformação. É passível de “exposição” com “tudo o que isso tem de vulnerabilidade e risco” (p.25).

### *“Origens”*

Filha de operador de indústria química, escolarizado até o ensino médio técnico e trabalhadora do lar escolarizada até os anos iniciais do ensino fundamental, eu, minha irmã e meu irmão crescemos em uma família regada a amor e companheirismo. Percorri minha trajetória escolar na rede pública, cursei ensino fundamental em escola estadual e ensino médio concomitante com técnico em uma escola municipal. No ensino médio se iniciou, de certa forma, a busca pelo ensino superior, ainda que os professores da escola em que estudava pouco falassem sobre vestibular. O incentivo veio pela família, ainda mais por minha irmã mais velha ser estudante da USP. Conquista que foi motivo de muito orgulho para nós.

### *“Trabalhar ou estudar, você não vai conseguir fazer os dois”*

Concluí o ensino médio em 2011. O início do ano seguinte foi um período de transformação. Havia prestado o vestibular, mas não consegui aprovação e ainda não tinha conquistado meu espaço no mercado de trabalho. Levou um tempo até que eu conseguisse encontrar meu novo ritmo de vida e, em agosto de 2012, tudo começou a fluir de uma só vez. Me lembro que comecei a trabalhar na recepção de uma academia (meu primeiro emprego, aos 17 anos), na mesma semana em que teve início as aulas do cursinho pré-vestibular. Começava minha trajetória de estudante trabalhadora. O cursinho era oferecido por uma escola privada, frequentava a turma do período noturno, onde a maioria dos estudantes também trabalhava durante o dia.

Certa noite, durante uma aula de biologia, a professora me disse que eu tinha que escolher entre trabalhar ou estudar, se eu continuasse fazendo os dois não conseguiria passar

em nenhum vestibular. Trabalhar era uma necessidade, afinal o cursinho tinha um custo, não se tratava de uma escolha. O sonho era ingressar no ensino superior. Pagar a mensalidade de uma universidade privada era a última das opções, pois com a ajuda da minha família até conseguiria arcar com os custos, mas seria necessário muito esforço de todos. Por isso, eu sentia necessidade de conseguir passar pelo vestibular e ingressar em uma universidade pública (no caso, a Unicamp que fica na cidade vizinha à minha).

Quando saiu o resultado do vestibular fui ansiosa ver a lista de aprovados, mas não encontrei meu nome... Saíram a segunda e terceira chamadas, mas ainda nada... A cada nova lista de chamada publicada eu recebia uma ligação da escola privada onde fiz o cursinho, perguntando se eu havia sido aprovada. Eles costumavam fotografar os alunos e usar essas imagens dos aprovados para promover a escola.

*“Meu primeiro (e único) dia de aula em uma universidade privada”*

Já estava aceitando que talvez aquela professora de biologia estivesse certa e até cheguei a frequentar um dia de aula em uma universidade privada, minha segunda opção. Enquanto aguardava meu nome aparecer nas listas de chamada, decidi que algo, além da espera, precisava ser feito. As aulas nessa universidade privada, vou chamá-la de UP, já haviam começado. Decidi ir, afinal se fosse convocada pela Unicamp era só parar de frequentar na UP. Na sala de aula, um professor disse que precisava fazer a chamada naqueles primeiros dias, pois se alguma das alunas fosse convocada pela Unicamp e depois fosse pedir o reembolso da mensalidade não poderia, pois iria ter o registro da frequência. Como eu tinha esperança, resolvi não voltar à UP até pelo menos sair a chamada seguinte.

*“Bem-vinda, a dura vida de Unicamp”*

Alguns dias depois recebi a mensagem de uma conhecida “Bem-vinda, a dura vida de Unicamp”. Corri para ligar o computador e acessar o site da Comvest. Havia saído a quarta chamada e finalmente meu nome estava lá! Que alegria!

Dessa vez a escola do cursinho não ligou para saber o resultado, talvez por não ser interessante usar como marketing que uma aluna passou na quarta chamada em um curso que não é dos mais concorridos como medicina, engenharias e afins.

Não me esqueço do dia da matrícula, 8 de Março de 2013, Dia Internacional da Mulher. Fui muito bem recebida pelas veteranas com direito a uma mesa com salgadinhos, bolos e até pintura no rosto. Dentre essas veteranas estava uma amiga que conheci no ensino médio. Foi um momento muito feliz, de comemoração com minha família, amiga e novas colegas.

### *“A chegada na Universidade”*

Meu primeiro dia foi uma Aula Inaugural com o tema: “Juventudes, ensino superior e formação de professores”, ministrada pela Professora Angela Soligo. Busquei minhas anotações deste dia e encontrei palavras-chave como: meritocracia, competitividade, performatividade e a frase “despreparo para as exigências acadêmicas”. Não me recordo de, na época, relacionar essas questões com minha realidade, talvez porque naquele momento era o primeiro contato com o ensino superior. Mas hoje vejo que eram essas questões que iriam me acompanhar a partir daquele primeiro dia na universidade.

A primeira aula em sala foi um susto, como se eu tivesse entrado num mundo que não era meu. Os colegas falavam alguns conceitos e citavam autores aos quais eu nunca tinha ouvido falar e só pensava: “Onde estive todos estes anos?”.

Ingressei na quarta chamada, então, quando cheguei, a turma toda já se conhecia e de certa forma os grupos já haviam se formado. O meu também se formou, “o grupo da quarta chamada”, eu e mais duas colegas que fizemos matrícula juntas, elas se tornaram grandes companheiras que fizeram a vida acadêmica mais alegre. Durante nossas conversas era comum compartilhar do mesmo sentimento de não pertencimento e isso de certa forma me confortava. Não posso deixar de citar que haviam também aqueles dias em que as aulas me faziam ter a certeza de que eu deveria estar lá e que estava o caminho certo. Nem tudo são flores, mas elas aparecem no caminho e exalam seu perfume.

Ao longo dos anos na universidade, conversando com alguns colegas pude perceber que eu não fui a única que me senti daquela forma, outros também tiveram esse estranhamento. Esses sentimentos foram resultado de uma prova de seleção e classificação, o vestibular. Fico me perguntando no quanto a classificação ou resultado de uma avaliação pode interferir nos sentimentos e pensamentos do estudante. E como fica a sensação de que um é melhor que o outro, por isso chegam em momentos diferentes. Como se o vestibular fosse capaz de medir as potencialidades de cada um. Ao longo das aulas, encontros e discussões que

a Unicamp me proporcionava fui entendendo que ali era, sim, meu lugar. E seu também. Nosso! A questão é a insuficiência de vagas e o método de seleção. Deveríamos ser selecionados? Por que não é direito de todos ter acesso ao ensino superior público, gratuito, em uma universidade pública, socialmente referenciada? Os estudos desenvolvidos ao longo do Curso de Pedagogia foram me dando pistas sobre a luta social e histórica das classes populares para o acesso à educação.

Percebi que ao longo da minha formação na escola regular pública, faltou muito para que eu chegasse na universidade preparada para a dinâmica que ali existia. Considerando a vida como um constante devir, sei que nunca estamos preparados, mas era assim que eu me sentia naquele momento. Pensamento que me traz a tona uma das anotações do meu primeiro dia na Unicamp “despreparo para as exigências acadêmicas”. Será que é possível chegar no ensino superior preparado para tais exigências? Apesar de ao longo da minha educação ter encontrado ótimos professores e professoras, num panorama geral, vejo que muitas “habilidades” não foram estimuladas ou desenvolvidas e me fizeram falta, como, por exemplo, as discussões, que eram muito frequentes nas aulas na universidade.

#### *“Trabalho de conclusão de curso”*

Todos pintam o TCC como se fosse o maior desafio da graduação, quando na verdade a graduação como um todo é o grande desafio, pois nela você vê conceitos, revê, constrói e reconstrói conhecimentos e a si mesmo. A história do meu tema começou na disciplina de Metodologia Pesquisa em Ciências Educação, tínhamos que escolher um tema e começar a trabalhar nele. Escolhi pesquisar sobre o Corpo e Educação Infantil.

Me encontrei com a Educação Infantil em 2015, quando decidi sair da academia onde trabalhava para iniciar minha carreira na Educação. Que encontro feliz! Ao longo da convivência fui fisgada pela Educação Infantil. Observando o dia a dia dos meus alunos ficava pensando na necessidade de estarmos atentos ao desenvolvimento corporal e motor da criança de modo que não ficasse apenas a professora de educação física responsável pelo “corpo” e a professora polivalente pelo “intelecto”. Fiz o projeto de pesquisa nesse tema e decidi manter para o TCC. Entrei em contato com um docente para me orientar, mas a demanda que esse docente tinha de trabalho era maior do que planejou, então, decidimos que seria melhor que eu buscasse outro orientador.

Diante dessa situação, estava ciente de que era muito provável que eu precisasse mudar meu tema, mas esse não era o maior dos meus problemas. Já era mês de outubro, eu estava sem orientador e praticamente sem tema, meu maior medo era que isso implicasse no atraso do meu curso em um semestre. Me sentei na mesa da cozinha e listei alguns assuntos de interesse e cheguei ao tema avaliação, considerando que neste semestre estava cursando a disciplina de Avaliação e as discussões estavam me fazendo refletir bastante. Na busca de orientador recebi uma negativa e uma tentativa de contato sem sucesso. Já tinha pensado na professora Inês, pois fiz a disciplina de Didática com ela e gostei bastante, mas não tinha certeza se era a área dela. Enviei o e-mail num domingo à noite, a professora prontamente me respondeu na segunda de manhã, agendando o encontro para a terça-feira. Isso logo me deixou animada, pois de início já foi bem diferente das experiências anteriores, senti confiança e neste momento era disso que eu precisava.

#### *“O primeiro encontro”*

Fui cheia de ansiedade e um certo medo. Conteí minha história para a professora e, como esperado, ela disse que não era a área dela e que nunca tinha trabalhado nem com questões relacionadas ao corpo e que o foco dela era mais ensino fundamental. Bom, eu já esperava que a professora dissesse isso, então conteí que havia pensando em trabalhar com algo referente a avaliação, comenteí que nas aulas da disciplina de avaliação estava refletindo bastante sobre diversas questões relacionadas ao tema.

Ela sabia que eu trabalhava com Educação Infantil, pois se lembrava de questões que coloqueí durante da disciplina de Didática que ela ministrou. Disse que seria mais apropriado que eu pesquisasse algo no campo da Educação Infantil, enquanto ela falava senti como se o tema fosse nos distanciando e comeceí a ficar preocupada.

Então, diante do meu anseio ela disse algo fundamental, que eu deveria pesquisar algo que eu tivesse uma afinidade e que fizesse sentido para mim, não para apenas cumprir uma atividade burocrática. Ela me disse: "me fala um pouco sobre você para podermos encontrar um fio em comum, tenho certeza que vamos encontrar". Essa frase trouxe ao mesmo tempo alívio e nervosismo. Que difícil! Falar sobre mim? Por onde começar? Não me lembro por onde comeceí, sei que chegueí na questão de como me sentia diante da universidade. Conteí que quando chegueí na faculdade foi um susto, como se eu tivesse entrado num mundo que

não era meu, contei sobre o estranhamento que me causou e o sentimento de não pertencimento à universidade.

Ela me perguntou como eu relacionava isso com avaliação. Penso que um dos principais motivos de me sentir assim na universidade é ter entrado na quarta chamada. O que me deu essa “classificação” foi o vestibular, um modo de avaliação. Um feedback que, dependendo do ponto de vista, pode ser positivo ou negativo. Positivo, pois consegui passar no vestibular, ou negativo pois me trouxe o sentimento de conseguir a vaga somente porque outros, de acordo com o vestibular, “melhores que eu” desistiram da vaga. O pensamento de que se essas pessoas não tivessem desistido eu não estaria lá. Por diversas vezes me perguntei se tinha capacidade intelectual suficiente para acompanhar o curso. Isso também se relaciona com o peso que o nome Unicamp tem perante a sociedade, que na minha leitura é uma avaliação da mesma. Será que eu merecia carregar esse título de “ESTUDANTE DA UNICAMP”?

Então a Inês me disse algo mais ou menos assim: “nossa, Carol, olha que interessante esses elementos que você trouxe”, disse também que era digno de pesquisa e que tínhamos encontrado um fio em comum. Contou que trabalha com a perspectiva de pesquisa narrativa e me apresentou a possibilidade de pesquisar esse tema sendo eu mesma sujeito da pesquisa, junto a narrativa de outros colegas. Foi uma novidade para mim! Essas questões me acompanham desde quando iniciei a graduação, mas nunca havia pensando em pesquisar a respeito. Essa conversa foi a calma que eu precisava, pois além da paz que a pessoa Inês passa, ela me mostrou uma possibilidade nova e ao mesmo tempo tão próxima a mim, mas que eu não consegui visualizar. E a partir dessa conversa foi possível fazer o TCC caminhar!

Diante dessas reflexões, escolhi como tema de pesquisa a inserção na universidade e optei por ouvir a narrativa das minhas colegas de ingresso. Como será que ocorreu com minhas colegas? É diferente quando a formação anterior vem de uma instituição pública ou privada referente a estar preparado para a academia? Ou este sentimento seria comum? Além da problemática (ou não) de ser convocado dias mais tarde do que a maioria da turma.

A partir de minhas experiências de formação espero ter apresentado as inquietações que me levaram a estudar o tema e ouvir outras colegas a respeito de suas experiências no mesmo contexto de imersão na universidade. Te convido, então, a entrar comigo nessa nova experiência, parar para escutar as narrativas das minhas colegas, inspirada por Larrosa (2002), escutar mais devagar e demorar-se nos detalhes. Suspender o automatismo da ação e falar sobre aquilo que nos acontece, sobre a experiência vivida.

## Referencial teórico-metodológico: aproximações e diálogos

A abordagem narrativa, enquanto abordagem teórico-metodológica, tem como potencial, possibilitar a explicitação e teorização do que foi vivido, transformando em conhecimento acadêmico (RODRIGUES; PRADO, 2015). Assim como diz Bragança (2009, p.40), “o enfoque teórico-metodológico rompe com o paradigma lógico-formal, focaliza a vida, em seus movimentos individuais e coletivos, como um locus privilegiado de compreensão dos processos sociais e históricos”.

As narrativas podem ser produzidas na pesquisa e para a pesquisa, sendo posteriormente realizado pelo pesquisador análise ou ainda análise narrativa sobre as narrativas (SERODIO; PRADO, 2015). De acordo com Bolívar

Nesse relato, o sujeito dá sentido aos acontecimentos que conta, delimitando etapas, transições, continuidades ou rupturas inscritas em sua experiência pessoal. É tarefa do pesquisador tentar ler nesse relato os processos que entram em jogo na gênese do eu, assim como as relações sociais em que se tece essa trajetória. (2011, p.4)

É característica da pesquisa narrativa em educação o/a pesquisador/a se colocar como participante da pesquisa “de maneira subjetiva, implicada e nada neutra, com seus atos responsivos ao que vier, inclusive conflitos” (SERODIO; PRADO, 2015). Para Eduardo Coutinho (FILÉ, 1999), a pesquisadora deve estar em um “estado” de vazio curioso, em que quer ouvir e entender o que o entrevistado tem a dizer, de forma que ele sinta que a pesquisadora não espera determinada resposta. Discordo da parte de “vazio”, pois enquanto sujeitos sensíveis e pensantes, se torna tarefa inalcançável estar em estado de “vazio”, ainda que seja curioso. Na pesquisa narrativa

assumimos a não imparcialidade, não neutralidade, (im)precisão, subjetividade de qualquer indivíduo (escritor ou leitor) e sabemos que podemos oferecer o rigor da verossimilhança, o calor da afetuosidade, a emoção do compartilhamento de nossas experiências narradas em nossas pesquisas. (SERODIO; PRADO, 2015, p.4)

Para Serodio e Prado (2015), o papel da escrita narrativa é elevado a um acontecimento, pois os “enunciados narrativos são propícios a uma produção singular de um conteúdo não esperado ou planejado” (p. 17). Não só a escrita narrativa, mas também a oralidade. A conversa, e aqui falo da conversa enquanto narrativa, “não é algo que se faça, mas algo que se entra....e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não

sabia dizer, o que não podia dizer...” (LARROSA, 2003, p. 212). Ao me deparar com esses dizeres, me surgiu uma questão a respeito da pesquisa.

Se conversa, narrativa, é um acontecimento e não algo feito, como eu, enquanto pesquisadora que havia agendado com os sujeitos da pesquisa horário, local e tema pré-estabelecido iria me desvincular do “fazer conversa”? Foi, então, em uma conversa no grupo Polifonia, de orientação coletiva, que pude compreender a diferença entre a entrevista, entrevista-conversa e, de acordo com minha proposta, a roda de conversa. Em uma entrevista são feitas perguntas fechadas, limitando-se a respostas, enquanto na entrevista-conversa e na roda de conversa, guiada por alguns tópicos, há espaço para diferentes caminhos, além da possibilidade de um dos sujeitos trazer elementos que despertem nos outros lembranças de situações ou sentimentos, a priori esquecidos.

E é esse o valor da roda de conversa, ela abre caminhos, possibilita diversos acontecimentos e que se possa encontrar divergências, pontos em comum, novas reflexões... Que seja um acontecimento para além dos fins da pesquisa, que possa ser uma experiência singular para as participantes enquanto reflexão acerca da realidade vivida em compartilhamento com o outro.

O exercício de recordar a vida traz para os participantes e pesquisadora um sentido formador (BRAGANÇA, 2011). Escrever o memorial, recordar os momentos iniciais da graduação e refletir sobre os caminhos que me trouxeram até aqui contribuiu para o caráter de pesquisa-formação deste trabalho. Essa abordagem produz um movimento de formação e de autodesenvolvimento tanto para investigador quanto para sujeitos participantes da pesquisa. “A pesquisa-formação implica uma experiência significativa de articulação de saberes e experiências” (BRAGANÇA, 2009, p. 42).

Bragança traz uma interessante reflexão ao citar Moita, “formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações” (MOITA, 1992, p.115 apud BRAGANÇA, 2011, p.160). Ou seja, a formação depende das interações com o outro. Entendemos a formação como um processo interior ao sujeito, impulsionado pelas experiências. Estas são necessariamente coletivas e sua intensidade que as tornam significativas e formativas (BRAGANÇA, 2011).

O sentido dos movimentos e processos, tanto no nível das investigações, quanto no da formação, depende da intensidade da experiência, ou melhor, de que o encontro reflexivo constitua, efetivamente, uma experiência tanto para o investigador como para os sujeitos da pesquisa. É necessário se deixar tocar, mobilizar, transformar. Nesse sentido, temos um caminho em aberto a ser construído. (BRAGANÇA, 2009, p.45)

Benjamin (1993) afirma a dimensão artesanal a “relação entre narrador e sua matéria – a vida humana”. Seria tarefa do narrador trabalhar na matéria-prima experiência e transformá-la em “produto sólido, útil e único”, a narrativa. Esta que está se perdendo a cada dia, resultado do excesso de informações que temos nos dias atuais e que não deixa espaço para as experiências. Vivemos no modo automático e automatismo é contrário a experiência. A pobreza das experiências também acontece pela falta de tempo, tudo se passa demasiadamente depressa sem pausa para interrupção (BENJAMIN, 1933,1993). Passamos muito tempo em busca do “saber” e deixamos de viver o “sentir”. “Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz e experiência” (LARROSA, 2002, p.22).

“O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (LARROSA, 2002, p.27). O acontecimento, ingresso na universidade, é comum aos sujeitos, porém a experiência é particular e pessoal, para cada um acontece, passa e toca de diferentes formas. Ao compartilhar essas experiências, elas se transformam em narrativas, “narrar a história de nossa vida é uma auto-interpretação do que somos, é colocar-se em cena através da narração” (BOLÍVAR, 2011). Narrador e narrativa não se separam, “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 1993, p. 205, 214,).

O ato de narrar é também se expor, o movimento da exposição que faz o narrador vulnerável, porém são aspectos necessários para a compreensão da formação do indivíduo (SERODIO; PRADO, 2015), e no caso desta pesquisa, compreensão de sua visão, percepção e experiência enquanto ingressante no ensino superior. Para Larrosa (2002) “é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’ ”.

## **Contextualização: vestibular, Curso de Pedagogia e desafios do ingresso na universidade**

Nesse momento do texto apresento estudos que me ajudaram a contextualizar a temática trabalhada. Foi, assim, um texto desenvolvido por meio de um estudo de dimensões históricas e políticas, do projeto político pedagógico do Curso de Pedagogia/Unicamp e do diálogo com a literatura. Início tematizando o vestibular, faço uma breve passagem pela trajetória do Curso de Pedagogia no Brasil e na Unicamp e busco na literatura uma discussão sobre os desafios do ingresso na universidade.

Para a elaboração dos textos a seguir, realizei buscas em periódicos, plataformas online e biblioteca da Unicamp. Especialmente sobre o texto em diálogo com a literatura, fiz um mapeamento de trabalhos realizados no campo nos últimos anos. Na busca utilizei palavras-chave como: ingresso na universidade, adaptação à universidade, vida acadêmica, vivência acadêmica e experiência acadêmica. Busco com esses textos contextualizar o leitor para a compreensão da temática tratada na pesquisa.

### *Um breve recorte sobre o vestibular*

O vestibular passou por algumas modificações até chegar no formato que conhecemos atualmente. Anterior à Reforma Universitária de 1968, havia o exame de habilitação, neste formato muitos estudantes passavam no vestibular, mas a quantidade de vagas era insuficiente. Surgia, então, o problema dos alunos “excedentes”, aqueles que atingiam a nota necessária, entretanto eram impossibilitados de ingressar nas universidades pela insuficiência de vagas. A Reforma Universitária de 1968 trouxe como uma das principais mudanças o caráter classificatório dos exames, solucionando o problema dos alunos “excedentes” (SOUSA, 2017), porém a quantidade de vagas continua insatisfatória até os dias de hoje. Segundo Ribeiro Netto (1986, p.43) citado por Sousa (2017) “o vestibular transformou-se num instrumento para descartar candidatos e não para selecioná-los”. Como uma ferramenta excludente e de caráter meritocrático, o vestibular favorece aqueles que possuem mais oportunidades e privilégios em relação a uma grande parcela da população. O direito de acesso à universidade pública e de qualidade não é garantido a todos. Como falar de meritocracia quando temos um país com nível social tão desigual? As oportunidades não são as mesmas para o estudante de classe alta que tem a possibilidade de se aprimorar com cursos, aulas particulares, ensino atualizado e focado no vestibular, enquanto o estudante de classe

baixa fica à mercê da educação pública sucateada. A responsabilização passa a ser do estudante, do esforço que ele exerce, como se esse fosse o único determinante para sua aprovação ou não no vestibular, inclusive sucesso escolar.

A meritocracia, tomada como sistema de hierarquização social baseada no mérito, sugere que todas as pessoas a serem avaliadas têm iguais condições de oportunidades e se diferenciam “unicamente” pelo mérito individual. Mas, sendo o Brasil um dos países com o maior índice de desigualdade de renda, medida através do índice de GINI5 no mundo, pode-se afirmar que essa premissa não é verdadeira, pois dificilmente chegaremos à igualdade plena de condições entre todas as classes sociais. (TABORDA, BARBIERI, et. al., 2006 p.102)

É como usar a mesma forma e esperar que todos se encaixem nela. Porém há aqueles que conseguem adquirir fermento para se ampliar e encaixar, enquanto para outros, sobra espaço dentro da forma. Estes, que não tem acesso ao “fermento” são descartados pelo vestibular.

## O Curso de Pedagogia no Brasil

Teve início em 1939 o Curso de Pedagogia no Brasil, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Rio de Janeiro. Estruturado em duas habilitações: bacharelado e licenciatura. Com a transformação do Curso Normal em habilitação de nível médio, passando a ser denominada Habilitação Específica para o Magistério, a formação dos profissionais da educação foi se centralizando no Curso de Pedagogia (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013).

Uma instituição multifacetada que visava tanto uma ampla formação cultural e científica de professores e especialistas em educação. Os objetivos da então Faculdade abrangiam os seguintes aspectos: preparar trabalhadores e intelectuais para o exercício das altas finalidades culturais de ordem desinteressada ou técnica; preparar candidatos para o magistério do ensino secundário, normal e superior; realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituam objeto de ensino. (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013, p.52)

O profissional deste curso atuava na docência dos Cursos Normais, ou em funções técnicas educativas como orientação pedagógica.

os Pareceres 251/62 e 252/69 criam as habilitações técnicas em supervisão, administração, inspeção e orientação educacional para as escolas e sistemas escolares, instituindo-se o título único de licenciado, já que todos os graduados neste curso poderiam ser professores do Curso Normal. (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013, p.54)

Surge, então, o debate da habilitação para o magistério primário, com argumento de que o pedagogo professor do Curso Normal também poderia dar aula nos anos iniciais, visto que formava profissionais para este exercício. A partir das discussões construídas pela “Associação Nacional pela Formação dos Profissionais de Educação” (ANFOPE), fundada em 1990, a formação de professores foi tomando outros caminhos. Como reorganização curricular, buscando uma formação ampla e rompendo com as especializações técnicas (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013).

De acordo com Bragança e Moreira (2013), na década de 1980 se fortalecia o debate quanto a necessidade da formação superior de professores. Nessa conjuntura, foram realizadas reformulações curriculares no curso de pedagogia para formar professores aptos para docência na Educação pré-escolar e séries iniciais.

Esse debate se consolida, após muitas lutas, com a emissão de uma resolução, em maio de 2006, que institui as “Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura” (CNE/CP N°. 1, de 15/05/06) que determina

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares. (BRASIL, 2006)

A partir, então, de 2006, o Curso de Pedagogia passa a ter na docência a centralidade da formação do pedagogo, em articulação com a gestão educacional, destacando a possibilidade de atuação profissional em espaços escolares e não escolares. Essa breve síntese indica as relações entre a história do curso no Brasil e as trajetórias curriculares e de formação construídas pela Faculdade de Educação da Unicamp.

## Sobre o Curso de Pedagogia Unicamp

A Unicamp foi oficialmente fundada em 5 de outubro de 1966, porém o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp abriu as portas somente em 1974 com a

finalidade de formar especialistas para a educação. Foi solicitado pelo professor Marconi Freire Montezuma, em 5 de outubro de 1973, a instalação e funcionamento do curso, através de um ofício ao Reitor Zeferino Vaz (UNICAMP, 2018).

Em sua criação, o curso foi organizado em três habilitações: Orientação Educacional, Administração Escolar e Supervisão Escolar. A habilitação para o magistério só esteve presente no catálogo a partir de 1977.

A partir do reconhecimento do curso publicado no Diário Oficial da União sob Decreto n 80.470, em 3 de outubro de 1997, o curso contava com a quarta habilitação, Magistério das disciplinas Especializadas do Ensino de 2º Grau. Esta possibilitava aos habilitados, além da docência nos anos iniciais da escolarização, o “magistério das disciplinas e atividades práticas especializadas”. Nessa organização, o currículo era dividido em dois blocos: o primeiro de núcleo comum a todas as habilitações e o segundo específico para cada habilitação. Dessa forma o estágio acontecia durante o segundo bloco de acordo com a especialização do estudante.

Desde então, o curso passou por várias reformas, dentre elas algumas se destacaram, como: a criação do curso noturno (reformulação de 1992) e o compromisso ético e político com a escola pública (reformulação de 1997).

### Um olhar dirigido à literatura

Afim de mapear os trabalhos realizados, abordando temática de inserção no Ensino Superior, foi realizado um levantamento bibliográfico em bancos de dados como Scielo, Sistema de Bibliotecas da Unicamp, entre outros.

A entrada na universidade é para muitos a concretização de um sonho pelo qual lutaram muito durante a ensino médio (ALMEIDA, 2007; AZEVEDO, FARIA, 2006). Com a conquista e após passar por um processo competitivo e de grande pressão, o jovem se encontra com uma série de questões, muitos saem da casa dos pais e além das questões acadêmicas encontram desafios na gestão do tempo, recursos econômicos e moradia. Diante da grande quantidade de informações e a demanda universitária, o estudante se depara com exigências desse novo ambiente, como autonomia, a adaptação a novos métodos de ensino, domínio da linguagem acadêmica, novas formas de avaliações, a reaprendizagem do ato de estudar, novas responsabilidades e amadurecimento (POLYDORO, 2000; ALMEIDA, 2007; CARMO, 2008).

Lassance (1997, apud FREAZA, 2004) destaca fases de adaptação enfrentadas pelo estudante universitário. A primeira fase é marcada pelo entusiasmo da aprovação no vestibular; a segunda indica uma decepção com o curso, professores, instituição, condições de aprendizagem e uma possível mudança de curso. A terceira, por sua vez, caracteriza-se com um aumento de interesse na continuidade do curso escolhido. E quarta, e última fase, devido a proximidade da conclusão do curso, traz a expectativa quanto a atuação profissional, considerando a qualidade das atividades exercidas e formação durante o curso.

Segundo Cabrera (2005), citado por Fagundes (2014, p.3), a transição do ensino médio ao ensino superior representa um “salto qualitativo da educação obrigatória à autônoma, com todas as descontinuidades sociopedagógicas implicadas”, após concluir a educação obrigatória o estudante segue em busca do conhecimento e carreira profissional na área em que possui certa afinidade. Há um transcurso contínuo e gradual para o estudante integrar-se ao novo contexto educacional acadêmico. Fagundes (2014) evidencia que a formação do ensino médio se consolida como uma base “tanto teórica como procedimental e atitudinal” que proporciona ao estudante uma melhor integração do ensino superior, ou deveria proporcionar, além de poder garantir o sucesso na formação do conhecimento. Questiono se a educação pública que temos em nosso país tem condições de prover essa base, principalmente teórica, ao estudante. Afinal, atender o direito à educação não significa oferecer uma educação de qualidade.

A integração, enquanto resultado do processo construído no cotidiano das relações estabelecidas entre estudante e instituição, envolve características pessoais dos estudantes e experiências de formação vivenciadas até o momento. Ainda que presentes no mesmo ambiente, a adaptação de cada sujeito depende de sua história de vida, e esta define diferentes formas de integrar-se ao novo contexto (CARMO 2008; POLYDORO, PRIMI, SERPA, ZARONI, POMBAL, 2001).

O estudante recém-aprovado no vestibular chega à academia cheio de anseios e expectativas, este pode encarar de forma negativa as diversas mudanças, indo a sofrer desadaptações que podem refletir em baixo investimento no curso, ou até mesmo o abandono (AZEVEDO; FARIA, 2006). A não correspondência entre as expectativas iniciais e a realidade encontrada pode resultar em momentos antagônicos para o estudante (IGUE; BARIANI; MILANESI, 2008). Um fator que pode contribuir para a dificuldade na adaptação é a falta do conhecimento do que é a universidade e o que esperar dela, tanto academicamente quanto das relações sociais (TEIXEIRA; DIAS; WOTTRICH; OLIVEIRA; 2008). Em

contrapartida, quando este processo de integração se dá de forma positiva, proporciona oportunidades singulares no desenvolvimento do universitário como, por exemplo, nas relações interpessoais, na construção da identidade e nível de autonomia (CARMO, 2008). Assim como afirmam Almeida, Soares e Ferreira (2000), o primeiro ano do universitário é um período crítico e capaz de potencializar crises ou desafios,

“a par de um conjunto de mudanças desenvolvimentais, toda uma série de novos e complexos desafios que "forçam" o estudante universitário a um questionamento pessoal nos vários domínios da sua existência (acadêmico, vocacional, social, emocional, intelectual e ético), promovendo assim o estabelecimento de novos padrões de funcionamento. (Idem, p. 202)

Comum aos processos de transição, o enfrentamento de novos desafios proporcionados pela integração à universidade, pode caracterizar uma situação oportuna para o desenvolvimento de certas habilidades, favorecendo o crescimento social, intelectual e emocional do estudante (FREAZA, 2004). Para Carmo (2008) a experiência no ensino superior assume um papel no processo de desenvolvimento e mudança na vida do estudante, interferindo não somente no conhecimento intelectual, mas também produz um extenso conjunto de alterações de natureza afetiva, comportamental e pessoal. Considera este processo resultado da “interação contínua e recíproca com o ambiente” acadêmico.

Com base em Polydoro (2000, 2001), essa transição significativa da entrada na universidade se dá em um processo multifacetado. Sendo influenciado por três grandes elementos: condições pessoais, características institucionais e grupos de interação. Além de ser um período crucial para a decisão do estudante entre permanecer ou abandonar o curso e determinante para os níveis de sucesso e satisfação acadêmica. Portanto, a experiência na educação superior se constitui em uma rede integrada de mudanças.

De acordo com resultados de sua pesquisa, Carmo (2008) defende a importância da orientação para alunos do curso noturno. Visto que estes têm geralmente menos tempo disponível para explorar as vivências acadêmicas. Como constata Freaza (2004) na declaração de um de seus entrevistados estudante do período noturno, que diz não viver a vida acadêmica completa por trabalhar e não ter a disponibilidade de tempo, finaliza sua fala dizendo que os estudantes do curso noturno sofrem com isso. Essa é uma questão que merece reflexão, a universidade não é a mesma para o estudante do curso integral em relação ao estudante do curso noturno. O segundo grupo tem uma certa limitação em questão de horários devido a maioria dos estudantes ser trabalhadora, claro que há também estudantes trabalhadores no

curso integral. Afirmo que estudantes do curso integral têm mais oportunidades de desfrutar das possibilidades que a Universidade oferece.

É cargo da universidade promover subsídios para que os estudantes vivenciem esse período de transição com qualidade e satisfação, de forma que possibilite o desenvolvimento integral do estudante tornando-se este participante ativo na sua formação (IGUE, BARIANI, MILANESI, 2008; CARMO, 2008). Sendo assim, se faz necessário que a instituição disponibilize serviços que promovam o bem-estar do estudante a fim de impulsionar seu desenvolvimento integral, não apenas no campo cognitivo e intelectual.

## **A pesquisa-formação em movimento**

A pesquisa em movimento, muitas vezes, toma seu próprio caminho, diferente daquele que pensamos inicialmente. Este trabalho nasceu com o desejo de ouvir a experiência de ingresso dos estudantes do Curso de Pedagogia da Unicamp, posteriormente a algumas adaptações foi delineado o projeto de pesquisa intitulado “O ingresso na universidade: narrativas de estudantes do Curso de Pedagogia/Unicamp”. A pesquisa passou por algumas modificações até chegar nesse título do projeto, mas as mudanças não pararam por aí. A pesquisa-formação me mostrou que tem vida própria, que se desenvolve no caminho.

Ressalto que o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado<sup>1</sup> pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp e o áudio da roda de conversa foi gravado, conforme autorização das participantes ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice n. 1).

A lista de convocados da quarta chamada do Curso de Pedagogia saiu em março de 2013. Ao todo, em diversos cursos, 402 estudantes foram convocados pela Unicamp na quarta lista de chamada, destes 12 eram do Curso de Pedagogia, entre noturno e integral. Participaram da roda de conversa, com o tema ingresso na universidade, três estudantes, contando com a pesquisadora, também em posição de sujeito da pesquisa. As participantes adotaram pseudônimos, sendo elas, Lola e Débora.

Nos encontramos em uma sala na Faculdade de Educação para realizar a roda de conversa, as participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e puderam tirar suas dúvidas antes de iniciarmos. A conversa foi guiada por alguns tópicos orientadores (apêndice n. 2), considerando o objetivo da pesquisa. O áudio foi transcrito e as fontes narrativas consistiram a base para o diálogo reflexivo que procuro desenvolver a seguir, tendo como referência os seguintes temas: apresentação das participantes, momentos anteriores à graduação, a matrícula, falta de informação e acolhimento, semana de integração, primeiros momentos na graduação e classificação determina inteligência?.

### **Apresentação das participantes**

Para iniciar, gostaria de fazer uma breve apresentação das participantes. Lola tem 41 anos, parte de sua formação básica se deu em escola privada e o restante em escola pública, estudante do curso noturno na graduação, mudou-se para Campinas para seguir os estudos na

---

<sup>1</sup> N. do CAAE: 87158418.9.0000.8142

Unicamp. Débora tem 24 anos, estudou em escola pública, estudante do curso noturno de Pedagogia e no início da graduação morava com os pais. Caroline, 24 anos, também estudante do curso noturno de Pedagogia, morava com os pais no início da graduação. Todas trabalhavam no período de preparo e estudo para o vestibular, então precisavam dividir seu tempo entre estudo e trabalho.

Eu trabalhava, entrava no trabalho às 8 horas, mas saía de casa às 6h20 por causa do trânsito. E saía às 17h45, tanto que quando comecei a estudar [na Unicamp] eu ainda trabalhava lá. Aí tinha que sair 10 minutos mais cedo para não pegar trânsito e chegar aqui dar tempo de comer alguma coisa na faculdade. Senão viria direto, chegava na aula sem comer nada, tinha que me virar. (Débora, narrativa oral)

Eu também trabalhava normal 8 horas. Em São Paulo morava numa república porque minha família estava se mudando para outra cidade. Então foi isso, aí acabei trabalhando e estudando junto. (Lola, narrativa oral)

A partir desses fragmentos, podemos conhecer um pouco de onde vieram as participantes da pesquisa. Nós três cursamos Ensino Médio em escola pública e trabalhávamos na época. E duas de nós (Débora e eu) morávamos com os pais e não houve necessidade de mudança de moradia, e Lola mudou-se de São Paulo para Campinas.

#### Momentos anteriores à graduação

No Ensino Médio, estudei em escola pública de ensino técnico. O mesmo aconteceu com Débora, porém ela não se adaptou à escola e se transferiu para outra, lembra de um dos motivos para essa ação:

Tinha um professor, por exemplo, que falava de um dia por outro, ele cobrava uma lista de cem exercícios de química e queria respondido de um dia pro outro. Então era um negócio assim, bem tenso né. Eu falei assim ‘não quero, não vou continuar aqui’. Fui para uma outra escola que eu me adaptei muito melhor. E aí nessa fase eu comecei a pensar no vestibular. (Débora, narrativa oral)

Lola também estudou em escola pública nos anos anteriores a graduação. Depois da conclusão do ensino médio ela disse que deu “um tempo na vida assim e depois fui pro cursinho”. Tanto eu quanto Lola fizemos cursinho pré-vestibular em escolas privadas, ela lembrou:

Eu fiz cursinho por um ano assim, mas antes já tinha feito meio ano. Outro ano, anos atrás assim, parava, não terminava de fazer e aí esse ano que eu fiz foi um ano inteiro e também não estudava muito em casa. Mas eu me forçava muito prestar atenção na aula e no vestibular eu forcei muito também, prestar atenção nas perguntas assim, então foquei muito ali. (Lola, narrativa oral)

Débora contou que com ela o processo foi diferente:

ah, cursinho não tinha feito nenhum. Minha colega que me incentivou a fazer vestibular, ela fez cursinho e me deu uma pilha de livros e falou assim: estuda!. Falei assim, beleza vou estudar. Mas acabei deixando em casa e não li. E daí, como no ensino médio, principalmente na escola pública já é muito voltado pra te ensinar a passar na prova, então aquelas diquinhas que eles dão como não deixar nada em branco. Essas diquinhas que eles dão tentei aplicar tudo. Eu sempre fui de prestar muita atenção na aula e tinha muita facilidade na parte de português, redação, acho minha facilidade foi essa. A parte da ortografia em si. (Débora, narrativa oral)

Débora considera que sempre foi boa aluna e muito esforçada, comentou inclusive que se cobrava muito. Quanto ao incentivo da família, lembra que

Em casa, não é que tinha cobrança, mas como sou mais velha e na minha família por parte de mãe e de pai a pessoa mais próxima de um nível superior é uma prima minha que tem um curso técnico. Como assim eu era a que tava mais próxima de fazer uma faculdade, meus pais ficavam muito nessa de ‘você vai prestar? Você pretende fazer alguma coisa?’. Mas não que eles ficassem cobrando, então eu vi que a hora que eu passei no vestibular, na primeira fase, minha mãe...nossa, quase chorou [...] . Eu percebo que não é que eles forçavam, mas eles incentivavam, davam muito apoio e ficaram muito orgulhosos assim. (Débora, narrativa oral)

Eu disse que:

Lá em casa não tinha uma obrigação de ter que fazer faculdade, sempre foi uma coisa que eu sabia que tinha que fazer, acabar o ensino médio e fazer uma faculdade. E acho que vai muito do exemplo de irmã mais velha. Ela saiu do ensino fundamental e entrou no médio técnico, aí isso meio que inconscientemente ficou pra mim que eu tinha que fazer o ensino médio técnico[...] E aí faculdade...minha irmã passou em uma pública. Mas não tinha cobrança da minha família de passar em uma universidade pública. Eles apoiavam meus estudos e que eu prestasse vestibular, ficaram na torcida comigo. (Caroline, narrativa oral)

De acordo com Freaza (2004), pais sem ensino superior são propensos a bons apoios afetivos para os filhos, “pois estes pais podem se projetar em seus filhos realizando-se através dos mesmos pela falta de oportunidades de estudos em sua época por diversos fatores” (p. 11).

Para Lola, que havia terminado o ensino médio há alguns anos, o papel da família aconteceu de outra forma:

Minha mãe ficava falando pra mim sempre, quando eu tinha terminado o colegial, ela falou assim, não para de estudar não, vai fazer faculdade. Eu fiz 3 faculdades e parei, então por isso que quando eu tava nesse último cursinho, minha família tava “ah, ta bom né”. Porque eu começava a fazer, até pedagogia eu fiz três anos numa particular, só que é muito diferente né, a particular daqui, por isso que eu acabei ficando nesse curso. Aí larguei e fiz comunicação e multimeios um ano e rede de computadores também uns meses assim. Na realidade eu fiquei aqui na pedago porque tem muito esse lance de sociais e eu gosto bastante né. (Lola, narrativa oral)

Lola e eu contamos que ao longo da nossa trajetória escolar não tivemos professores que incentivaram a prestar vestibular e fazer faculdade, a não ser no cursinho onde o foco é esse. Débora conta sua experiência

Dentro da própria escola no terceiro ano, eles tinham um trabalho muito pesado nesse sentido. Toda vez que abria o vestibular para qualquer faculdade. A própria coordenadora foi na sala, juntou os dois terceiros anos, falou ‘olha gente, é assim que faz se alguém quiser fazer o vestibular, é tanto. É nesse site que entra, se precisar de ajuda nós ajudamos vocês a fazer a matrícula’. Então eles tinham um trabalho muito voltado pra isso, pra esse suporte. Então acho que o que eu não tive de cursinho, foi o que eu fiz no terceiro ano. No ano seguinte eu fiquei em outra universidade, acho que dois meses. Quando foi no fim do ano eu prestei o vestibular da Unicamp. Então teoricamente eu fiquei um ano fora de estudo. Acho que o que eu vi no ensino médio ajudou bastante. (Débora, narrativa oral)

Essa rede de apoio por parte da escola, foi de grande importância para Débora.

A partir dessas narrativas, podemos ter o perfil das estudantes que participaram da pesquisa. Duas de nós ingressamos na Universidade um ano após a conclusão do Ensino Médio, enquanto Lola teve outras experiências no Ensino Superior, mas a dinâmica que encontrou no curso de Pedagogia da Unicamp a instigou e fez querer ficar mais um pouco, e agora ela se encontra perto da conclusão do curso.

Sobre a espera pelo resultado do vestibular, Débora conta que

essa parte da espera foi muito louca, porque assim...eu trabalhava no centro de Campinas, pertinho do Poupatempo e na minha casa nessa época, a gente

tava sem internet. Meu celular era antigo, não tinha como eu acessar a internet. Daí a minha chefe falava assim pra mim ‘vai lá no Poupatempo’ porque lá tinha acesso. Eu ia lá todos os dias, era uma hora de almoço, perdia pelo menos uns quinze minutos na fila, perdia uma boa parte do meu almoço. Olha...e não, num foi. Espera a próxima data, e não..num foi ainda. E aí até que um dia ela falou assim ‘vai lá agora’, foi aí que eu descobri. [...] E ela ficou muito feliz, tanto que minha chefe era na verdade uma amiga de igreja também, então teve um clima diferente assim. (Débora, narrativa oral)

Esse fragmento mostra que além da torcida família, Débora contava com a torcida de amigos. Lola apresenta, em sua narrativa, que nessa época estava frequentando um curso de rede e computadores,

Eu tava na FATEC em rede e computadores, e aí eu achava legal o curso, mas achava muito técnico, eu não achava nem tecnólogo, era bem técnico. Até comentei com um professor que estava esperando a lista da Unicamp e ele falou assim ‘mas aqui você vai se formar em três anos, lá vai demorar quantos anos pra você se formar?’. Nossa, eu fiquei pensando, como que ele me fala isso né? Puxa, mas lá é muito mais teórico, vou estudar mais teoria, é isso que eu quero e tal, não é ir direto pro mercado de trabalho. Me formar pra começar a trabalhar logo, não é isso. Então eu sempre ficava olhando a lista, rodando e olhando, até a hora que eu vi meu nome lá...nossa! Ainda bem! (Lola, narrativa oral)

Esse fragmento destaca o pensamento da urgência da formação e inserção no mercado de trabalho por parte do professor, em contraposição às expectativas e objetivos de Lola.

A partir desse assunto, abordamos a questão do sentimento durante essa espera, compartilhei com elas que:

eu senti que não tinha me dedicado tanto quanto deveria no cursinho. E isso foi uma coisa que me pegou muito quando começou a sair as listas. Saiu a primeira e nada, a segunda e nada. Pensei, nossa, vai ser difícil porque eu não estudei como deveria ter estudado. E isso martelava na minha cabeça a cada lista que era divulgada, tinha um sentimento de culpa. (Caroline, narrativa oral)

Lola tinha um sentimento parecido com o meu

Como eu não tinha estudado muito, eu ficava muito frustrada, sabe, eu sei que não me dediquei o suficiente então...eu só ficava assim, poxa, na próxima vamos ver né. Só ficava assim na torcida. (Lola, narrativa oral)

Para Débora, foi...

Um mix de emoções, ao mesmo tempo que você se sentia frustrada, decepcionada porque poxa, saiu mais uma e eu não tô nessa. Você ao mesmo tempo ficava ‘calma, tem a próxima’, tem aquele pinguinho de esperança ainda, sabe. Eu acho que eu tava muito assim, ao mesmo tempo frustrada, porque poxa, queria passar na primeira, mas o importante é passar. (Débora, narrativa oral)

Podemos perceber que os sentimentos de frustração e esperança eram comuns entre as três estudantes.

A matrícula, falta de informação e acolhimento

Partimos para o momento da matrícula, este tópico contemplava contar se a estudante foi acompanhada de alguém e como foi a experiência.

Eu “trouxe minha família junto, meus pais e meu irmão. Na época eu tinha uma amiga que fazia pedagogia aqui e estava no segundo ano, ela me acompanhou nesse momento também. Depois da coordenação fomos no CAP, tinha uma mesa com comidinhas e pessoas para nos pintar com tinta guache. (Caroline, narrativa oral)

Então Lola comentou em seguida

Fiz a matrícula, eu não lembro direito como foi...cheguei lá, lembro que não recebi camiseta, nada, só assinei um papel. E ela me deu um encarte com a grade curricular e, assim, não teve muita emoção, eu não tirei foto e também nem descii. Eu não sei se vim num horário mais a noite. Eu nem sabia do CAP, da existência, então como vim sozinha fui lá, assinei e acho que voltei pra casa. (Lola, narrativa oral)

Quando comentamos sobre o momento de realização da matrícula, eu e Débora falamos do momento de descontração no Centro Acadêmico da Pedagogia onde nos pintaram com tinta guache e também assinamos o muro com nosso nome e ano de ingresso. E Lola disse o seguinte

Então, eu tô achando estranho porque não tinha nada quando eu vim, não tinha movimento, não tinha ninguém pintando ninguém. (Lola, narrativa oral)

Esse momento aconteceu no Centro Acadêmico da Pedagogia, que fica um pouco distante da coordenação onde a matrícula é feita. Se o estudante não conhece o prédio, dificilmente chegará sozinho ao CAP, e se ela não recebeu a informação de que haveria uma

recepção lá, não haveria motivos para nesse momento inicial procurar o CAP. Débora completou

Eu acho que foram alguns estudantes que saíram da aula e foram lá. Provavelmente tenha sido isso. Porque eu me recordo da gente ter vindo pra fazer a matrícula e daí assim, eu não conhecia nada dentro da Unicamp, só que meu pai era motorista de ônibus, então ele conhecia aqui e sabia o ponto em que tinha que descer, como era a fachada do prédio. Minha mãe veio comigo e daí a gente fez a matrícula e eu também só desci, só ouvi falar que era pra descer porque minha mãe ouviu elas falarem que iriam levar a Carol e mais outras pessoas que estavam junto. Minha mãe estava mais eufórica que eu. Lembro de ter feito desenho no muro, tirei uma ou duas fotos, só tenho uma. (Débora, narrativa oral)

Neste momento comentei que houve uma falha no movimento do CAP ou do grupo que havia organizado a recepção, e todas concordaram fortemente com este pensamento. Os fragmentos destacam que faltou um cuidado para que todos os ingressantes dessa matrícula soubessem da recepção e pudessem participar. Me questionei: se eu não tivesse uma amiga veterana, será que iria ficar sabendo da recepção?

Lola pontuou que faltou informação, exclamando ao ouvir nossas narrativas: “Gente, vocês tiveram muita informação!”. É interessante o compartilhamento de diversas perspectivas, considere também que tive falta de informação, mas em relação à experiência de Lola, recebi mais informações, como o prédio onde aconteciam as aulas, por exemplo, que foi indicado pelas veteranas.

### Semana de integração

A não participação das atividades de integração que acontece na primeira semana de aula é considerada pelas estudantes que teve certa interferência no processo de adaptação, como podemos ver na narrativa de Débora –

Acho que sim, porque faltou informação, comunicação, o processo foi muito traumático e doloroso pra mim. Principalmente pela minha personalidade porque eu era muito tímida. Então se tivesse um entrosamento, uma apresentação, ia ser mais fácil. Realmente foi bem complicado. (Débora, narrativa oral)

Lola concorda em seguida e acrescenta que

Principalmente para as pessoas mais novas e mais tímidas. Até a pessoa descobrir, fazer integração com outras pessoas é muito ruim. No meu caso,

já sou meio de fuçar nas coisas, então faltou informação, mas eu fui em tudo quanto é instituto no primeiro semestre, estudava em tudo quanto é biblioteca, visitava tudo e ia descobrindo as coisas. E porque tinha tempo, mas o pessoal do noturno que trabalha, que não tem tempo pra isso, sempre vai faltar informação né. (Lola, narrativa oral)

Para mim “houve uma falta de cuidado. É, pensado nos ingressantes, mas até certo ponto, se você entra mais tarde você não é considerado mais. Poxa aquele que chega depois, a possibilidade dele estar ainda mais perdido é maior, porque ele já entra num contexto que já está funcionando, já encontrou seu modo de funcionamento, as pessoas já estão inseridas e ele chega depois desse movimento. (Caroline, narrativa oral)

Débora completa –

Falta preparo pra fazer essa recepção, explicando olha é isso o que tá acontecendo, é assim que funciona. Então vamos lá, você chegou agora, você já perdeu isso de conteúdo, esses textos. (Débora, narrativa oral)

Afinal “nem sempre que você pergunta pro amigo e ele dá um resumo que não contempla tudo o que você perdeu. Ainda falta um monte de informação. Eu tava muito perdida, sabia que tinha que ir pra aula, mas não sabia de aula inaugural, de xerox...você vai descobrindo aos poucos”. (Lola, narrativa oral)

Os ingressantes ganham da Unicamp uma camiseta,

a Debora que pegou pra mim, pois tinha que ir buscar em outro lugar e no horário eu não conseguia ir. E a camiseta só tinha tamanho GG, era a sobra. Não tinha pasta de manual do bixo, que o CAP fazia. Não teve o suficiente pra gente, deram uns restos. Você chega depois e recebe os restos, como isso fica pra você?. (Caroline, narrativa oral)

Débora lembra que

no dia que fui pegar as pastas [kit bixo providenciado pelo CAP], a menina disse ‘espera que vou ver qual tem material’, faltou organização. Pra matrícula não lembro se cada um tinha um horário ou se era um prazo no dia. Mas lembro que tive que vir durante o dia. Poxa se a pessoa vai estudar no noturno, a própria matrícula acontece durante o dia?. (Débora, narrativa oral)

Lola acrescenta “Parece que o valor é só o integral” (Lola), e Débora complementa “A faculdade só funciona durante o dia”. Esses fragmentos trazem à tona a questão do curso noturno em relação ao curso integral. A problemática da diferença entre os períodos, estudantes do integral conseguem explorar espaços e atividades na universidade que os

estudantes trabalhadores do noturno não conseguem. A universidade para o estudante noturno é uma e para o estudante do período integral é outra com mais possibilidades. O mesmo acontece com entrevistados na pesquisa de Freaza (2004) que dizem não viver a vida acadêmica completa por falta de disponibilidade de tempo devido ao trabalho. O estudante trabalhador tem sua vivência acadêmica limitada.

### Primeiros momentos na graduação

Realizamos matrícula no dia 8 de março, uma sexta-feira. Débora conta que veio na aula no mesmo dia à noite e lembra que “ no primeiro dia de aula o professor estava com um livro, falou o preço. Cheguei em casa quase em desespero falando pra minha mãe que tinha acabado de entrar na faculdade e já tinha livro pra comprar. Porque eu vi algumas pessoas já comprando livro”, nesse primeiro momento conta que não sabia que havia uma pasta com textos das disciplinas deixada no xerox da Faculdade, que alguns professores disponibilizavam online.

Os momentos iniciais se deram como uma grande mudança em relação com a dinâmica que eu estava acostumada no ensino médio, precisei me adaptar às discussões e novos métodos de ensino e aprendizagem. Assustei um pouco no início, pois via alguns colegas de certa forma dominando aqueles assuntos e conceitos, as discussões tomavam caminhos e assuntos que anteriormente eu não havia tido contato.

Lola conta que com ela não foi assim, sentia que as discussões não estavam avançando como gostaria e até chegou a ir na secretaria tentar mudar o curso, “cheguei com uma expectativa muito grande”. Esse choque entre expectativa e realidade pode dificultar a adaptação do estudante ao Ensino Superior e pode gerar uma mudança de área profissional (TEIXEIRA, DIAS, WOTTRICH, OLIVEIRA, 2008; FREAZA, 2004).

### Classificação determina inteligência?

Sobre a classificação, Lola considera que

Eu desconstruí muita coisa, foi bom o Curso da Pedagogia pra mim por isso. Mas eu achava muito que a classificação determinava a pessoa mais inteligente ou não, o que acontece no meu raciocínio... A pessoa conseguiu assimilar melhor e mais rápido a matéria no tempo que teve de estudo. Conseguiu entender mais rápido as coisas, em menos tempo. Chegou na hora

entendeu, interpretou melhor as coisas, conseguiu fazer tudo num menor tempo do vestibular. E isso parece que depois a vida acadêmica dela fluiria melhor porque ela já conseguiu passar por essa etapa. Além de estar mais preparado, mostra que ela consegue estar preparada, consegue assimilar, consegue entender melhor e com mais rapidez. O primeiro classificado da medicina, pra mim aquele cara tem que ser bem inteligente. Mesmo desconstruindo, acho que aquele cara é mais inteligente. Porque ele conseguiu nessa medição de vestibular, ser melhor que os outros. Pode ser que em outros quesitos ele não seja inteligente e o cara que passou em último no vestibular consiga ser mais social, talvez, e isso ele não tenha, outras habilidades. (Lola, narrativa oral)

Ela traz em sua fala, uma reflexão acerca das inteligências. Considerando que o ser humano é passível de diversas inteligências e o vestibular avalia uma que, segundo Lola, é a capacidade de interpretar e colocar as ideias no papel com mais agilidade. Mas isso não tira a potencialidade do indivíduo ser inteligente em outras esferas.

Pensando em múltiplas inteligências, ainda que o vestibular meça uma delas, defendo que a avaliação do vestibular não diz muito sobre o indivíduo. É uma junção de fatores correlacionados, estado emocional, físico, capital econômico e cultural, questões de deslocamento no dia da prova... E avaliar em uma única esfera, em um determinado momento, nada diz sobre aquele sujeito e suas potencialidades. Não podemos deixar de considerar também as diferentes oportunidades e privilégios que os estudantes têm.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 54, inciso V, (lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. Como é garantido esse direito? O vestibular se caracteriza como uma forma de promover benefícios em nome do direito, de modo que reforça as desigualdades.

A prova do vestibular é utilizada para tornar todos os concorrentes iguais. Desconsidera a trajetória de vida de cada um, isto é, neste momento não importa em que escola o pretendente à vaga fez o ensino fundamental e médio, não importa se fez cursinho popular ou cursinho particular, não importa se teve que trabalhar para ajudar em casa ou para custear seus estudos, não importa se tinha acesso à internet, jornal, revistas. (BONETTO, et al., 2006, p. 116)

Educação não é questão de mérito. A universidade pública, deveria ser para todos, mas não é assim que acontece. Voltamos na questão da meritocracia, se o estudante não conseguiu demonstrar o “suficiente” no vestibular, a mensagem que fica é a de que ele não é merecedor de estar ocupando a vaga, responsabilizando o estudante pelo desempenho e ignorando as demais esferas.

Para Débora, vestibular não mede inteligência e podemos perceber que antes do início das aulas ela não se sentia desconfortável pela sua classificação, porém após os primeiros contatos com a turma, sentiu a diferença e conta que foram momentos difíceis de adaptação –

Olha, inteligência acho que não. Mas falo por mim que fiquei feliz porque passei, nem tinha noção disso de chamada. Passei e fiquei feliz. Mas depois que entramos na universidade, as pessoas perguntando em qual lista eu tinha passado porque não se lembravam de mim na semana anterior, as pessoas faziam caretas quando ficavam sabendo. Percebi isso pelo pessoal, porque quem entrou nas listas anteriores já estavam entrosados, feliz da vida, com amigos e grupinho. A gente que entrou depois não sabia nada [...] fui descobrir depois que existia xerox aqui dentro, que alguns professores disponibilizavam online. Então são coisas que até que você entenda...é aquela coisa, pegar o bonde andando. Então foi bem difícil isso. (Débora, narrativa oral)

Essa questão de classificação, acho que foi uma coisa que me pegou muito. Sempre, pra mim o pensamento que ficou é de que as pessoas melhores que eu rejeitaram a vaga até chegar em mim. Muitas vezes cheguei a me questionar se eu dava conta do curso. Mas ao longo do curso fui desconstruindo isso e percebendo que vestibular não media minha capacidade, mas até que você compreenda isso, leva um certo tempo. (Caroline, narrativa oral)

Uma das estudantes coloca “A Camila [nome fictício] é toda literária, você acha que eu ia passar na mesma chamada que ela?”. Nessa fala, podemos perceber que a avaliação e classificação dada pelo vestibular causa um impacto no estudante avaliado, podendo ser este de diversas intensidades. Nessa situação, a estudante se coloca em comparação com uma colega por considerar difícil as duas serem da mesma lista de aprovados, pois acredita que a colega tem um capital cultural maior que o seu. E nas entrelinhas, é possível ler que se considera menor em relação a colega nesse aspecto, uma auto-avaliação comparativa. Aparece na reflexão de Sacristán, também, a questão do mérito.

[...] Uma sociedade hierarquizada e meritocrática reclama a classificação dos indivíduos em função de sua aproximação à excelência. Quanto maior a aproximação, maior o mérito individual. Naturalmente essa prática não se originou na escola, mas é ali que se aplicam os procedimentos técnicos que a legitimam, ocultando os valores a que serve. (SACRISTÁN, 1992, p.367 apud ANDRÉ, 1996, p. 17)

De fato, a avaliação do vestibular coloca um peso sobre os estudantes, desconsiderando a trajetória de vida de cada um. Pouco importa na hora do exame se o estudante veio de escola pública onde a falta de professores é frequente, se teve que dividir

seu tempo entre trabalho, estudo e outras atividades, se precisou pegar um ônibus ou mais para chegar ao local de prova ou se perdeu um ente querido no dia anterior. E ao chegar no local de prova, a competitividade está escancarada, o estudante se depara com o colega sentado na sua frente com uma camiseta estampada nas costas “sua vaga é minha!”. No momento da avaliação você é reduzido a um indivíduo que tem que mostrar sua excelência. O estudante passa um ano (ou mais) estudando para, em algumas horas, provar seu “merecimento” à vaga.

A classificação coloca os “melhores” em primeiro lugar, se você não está entre os primeiros significa que não faz parte deste grupo. O sentimento é de incapacidade, inferioridade e é difícil lidar com eles até que você entenda que aquilo que o vestibular diz de você não é uma verdade. Vestibular não determina se você é inteligente ou não, mas infelizmente pode interferir no modo como você se enxerga.

## Considerações Finais

A realização da Roda de Conversa se deu em um clima agradável e aconchegante de compartilhamento e, muitas vezes, de correspondência de experiências e sentimentos. Por meio das narrativas foi possível partilhar e perceber dificuldades iniciais, com maior ou menor intensidade, como a falta de informação, por exemplo, que foi comum a todas participantes da pesquisa.

Revela-se também nas narrativas a dificuldade de se inserir em um grupo já estabelecido. Chegar depois do início das aulas coloca o estudante em uma situação diferente diante da turma, ainda que todos sejam igualmente aprovados e calouros na universidade, esse grupo chega de forma diferente e sente os reflexos.

O impacto positivo do curso também aparece nas narrativas, explicitamente quando Lola fala sobre ter gostado das discussões e a teoria encontradas no curso.

Não tenho dúvidas de que a graduação me proporcionou muito crescimento e aprendizado, tanto acadêmico quanto pessoal. E os desafios encontrados no caminho foram fundamentais para essa formação. A experiência no ensino superior produz grandes mudanças, essas não interferem somente no conhecimento intelectual, mas também no campo afetivo, comportamental e pessoal (CARMO, 2008).

Enquanto eu não sabia bem o que esperar da graduação, tanto academicamente quanto das relações sociais, e de acordo com Teixeira et. al. (2008) esse fator pode dificultar a adaptação. Lola, possivelmente devido suas experiências anteriores, chegou com muita expectativa e no início se frustrou, a ponto de buscar informações na coordenação da Pedagogia sobre o processo de mudança de curso. Posteriormente Lola se adaptou, correspondendo às fases de adaptação levantadas por Lassance (1997, apud FREAZA, 2004).

Para mim, Débora e outra colega de turma foram fundamentais nesse início, a força e conforto de colegas na mesma situação. Estávamos juntas nesses primeiros momentos de descobertas e dificuldades. Teixeira et. al. (2008, p.198) contribuem defendendo que a integração com os colegas não se restringe a afetividade ou amizade. “A inserção social do estudante possibilita a este construir um sentido partilhado acerca de suas expectativas no curso – positivas e negativas – ajudando-o a desenvolver estratégias de ajustamento na universidade”.

As participantes da pesquisa concordam que esse momento de conversa e troca de experiências foi muito interessante, ainda mais pela possibilidade de ver a mesma cena por ângulos e lentes diferentes, e Débora conclui que

Saber que tem mais gente que compartilha o mesmo sentimento que eu tive e que estamos contribuindo para um debate inexistente dentro da FE me deixa orgulhosa de certa forma. Mesmo anônima na publicação da pesquisa tenho a certeza de que deixei marcas e contribuições na Universidade. (Débora, narrativa oral)

Essa fala me traz a certeza de ter alcançado um dos objetivos ao realizar a roda de conversa, no sentido de que pudesse ser um momento de formação para todas nós. Ou seja, uma pesquisa-formação não apenas para a pesquisadora, mas para as participantes também. Vejo que pelo fato de estarmos no final da graduação esse momento de pausa, escuta e compreensão das vivências e experiências se caracterizou como o concluir de um ciclo, um encerramento onde a reflexão dos momentos e desafios vividos no início da graduação mostrasse o caminho que nos levou até aquele momento.

Este grupo merece um olhar atento e cuidadoso para que esses – possíveis – sentimentos de inferioridade sejam discutidos e trabalhados, pois ao longo da graduação conseguimos, a partir das discussões levantadas nas aulas, desconstruir esse pensamento, mas o quanto antes essa discussão for realizada maiores são as chances de desconstrução. Uma sugestão para amenizar os impactos seria realizar uma atividade de integração após fechar as todas listas de convocação, assim todos os integrantes da turma de calouros teriam o direito de participar e dessa forma, promover uma interação na turma, colaborando para a integração destes no grupo.

Retomando, aqui, as questões de estudo inicialmente formuladas, as estudantes que ingressaram após a semana de integração consideram que há um ônus em não poder participar desses momentos de aproximação da turma. Devido à falta de informação e dificuldade de se inserir quando os grupos de amigos já estão formados e todos estão com as atenções direcionadas às novas disciplinas e professores da graduação. Houve uma recepção para ingressantes da quarta chamada no dia da matrícula, porém nem todos foram contemplados ou informados, consideramos que faltou informação para que todos os novos estudantes pudessem vivenciar esse momento. Ocorreu, também, nas narrativas a questão do recebimento de camiseta cedida pela Unicamp e “kit bixo” pelo Centro Acadêmico da Pedagogia. Havia esgotado as numerações das camisetas, restando apenas uma numeração e o

“kit bixo” também estava em quantidade insuficiente e os que restaram estavam incompletos. Todas essas questões somadas, constituíram a adaptação das estudantes que não tiveram a oportunidade de participar de momentos de socialização e exploração de espaços físicos da Universidade que foram proporcionados ao restante da turma.

Ressalta-se, entretanto, que a experiência vivida ao longo do curso possibilitou gradativa socialização à vida acadêmica do curso e da Unicamp. A pesquisa aponta para possibilidade de um constante repensar sobre os processos de integração dos estudantes à universidade.

“Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 1993, p. 214), portanto agradeço sua companhia nessa caminhada de pesquisa-formação e espero que este trabalho contribua para novas discussões e reflexões sobre a temática.

## Referências

- ALMEIDA, Leandro S.; SOARES, Ana Paula C.; FERREIRA, Joaquim Armando G. Transição e adaptação à universidade: Apresentação de um questionário de vivências acadêmicas (QVA). **Psicologia**, vol. XIV (2), p.189-208, 2000.
- ALMEIDA, Leandro S. Transcrição, adaptação acadêmica êxito escolar no ensino superior. **Revista galego portuguesa de psicologia e educação**, Portugal, Universidade do Minho, vol. 15, n. 2, p. 203-215, 2007.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Avaliação escolar: além da meritocracia e do fracasso. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 99, p. 16-20, nov., 1996.
- AZEVEDO, Ângela Sá; FARIA, Luísa. **Motivação, sucesso e transição para o ensino superior**. Edições Colibri, Lisboa, vol. XX (2), p. 69-93, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Escola de Frankfurt: Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1933, p.114-119.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 197-221.
- BOLÍVAR, Antonio. O esforço reflexivo de fazer da vida uma história. **Revista Pátio**, n. 43. ago. - out., 2011.
- BONETTO, Helena; et al. Lógica meritocrática e práticas pedagógicas na universidade: qual é a função do mérito nas nossas universidades? In: SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; SOUSA, Ana Inês. **Práticas pedagógicas e a lógica meritória na universidade**. Rio de Janeiro: Coleção grandes temas do Conexões de Saberes, 2006, p. 110-119.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOREIRA, Laélia Carmelita Portela. Formação e profissionalização docente no Brasil: Instituições, práticas educativas e história. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, vol. 5, n. 9, p. 43-62, jan. – jul., 2013.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Curso de Pedagogia no Rio de Janeiro após diretrizes curriculares nacionais: políticas de conhecimento e formação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Universidade do Estado do rio de Janeiro, vol. 11, n. 16, p. 136-167, 2014.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. **Educação**, Porto Alegre, vol.34, n.2, p. 157-164, maio/agosto, 2011.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Formação e história de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teórico metodológicas. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo, vol. 2, n .2, p. 37-48, agosto/dezembro, 2009.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de julho, 1990.

UNICAMP. **Projeto Político Pedagógico Curso de Pedagogia Catálogo**. Campinas, 2017. p.4-49, 2017.

CARMO, Mariana Coralina do. **Integração ao ensino superior em um curso de pedagogia: a percepção de ingressantes e concluintes**. 2008. 109f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FAGUNDES, Caterine Vila. Percepção dos estudantes universitários acerca do acesso à educação superior: um estudo exploratório. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 95. n. 241, Setembro/Dezembro, 2014.

FILÉ, Valter. **Entrevista com Eduardo Coutinho** - Os dois lados da câmera. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

FREAZA, Ruth Garcia. **O primeiro universitário da família: características e experiências na educação superior**. 2004. 102f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

IGUE, Érica Aparecida; BARIANI, Isabel Cristina Dib; MILANESI, Pedro Vitor Barnabé. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, vol. 13, n. 2, Julho/Dezembro, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de Educação**, n. 19, jan.-abr., 2002.

LARROSA, Jorge. Epílogo: A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?**. A arte da conversa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.211-216.

RODRIGUES, Nara Caetano; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Investigação narrativa. Construindo novos sentidos na pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**, vol. 29, p. 89-103, 2015.

SERODIO, Liana A.; PRADO, Guilherme do V. T. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação na perspectiva do gênero discursivo bakhtiniano**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com desconhecidos. In: FONTOURA, Helena Amaral da. **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011, p. 27-37.

SOUSA, Mateus Leme de. **Experiências de estudantes no contexto do vestibular : narrativas e memórias sobre a preparação para os exames**. 162f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2016.

TABORDA, Camila Oliveira; BARBIERI, Edson; SANTOS, Peterson Fernandes dos; MANTAGUTE, Elisângela Iargas Iuzviak. A meritocracia e o ensino superior. In: SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; SOUSA, Ana Inês. **Práticas pedagógicas e a lógica meritória na universidade**. Rio de Janeiro: Coleção grandes temas do Conexões de Saberes, 2006, p. 102-109.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia; WOTTRICH, Shana Hastenpflug; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista ABRAPEE - Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Paraná, Brasil, vol. 12, núm. 1, p. 185-202, 2008.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

#### **“Narrativas e memórias de ingressantes na quarta chamada do curso de Pedagogia Unicamp”**

**Responsável:** Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança - Professora da Faculdade de Educação da Unicamp.

**Participante:** Caroline Daniela Julio – Graduanda em Pedagogia da Unicamp

Número do CAAE: 87158418.9.0000.8142

Prezada Estudante

Você está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa a assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

#### **Justificativa e objetivos:**

Nós, Inês Ferreira de Souza Bragança, docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, e Caroline Daniela Julio, graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, responsáveis pelo projeto de pesquisa intitulado “Narrativas e memórias de ingressantes na quarta chamada do curso de Pedagogia Unicamp”, solicitamos sua permissão para participação nesta investigação que tem como objetivo discutir a importância do período de integração à Universidade e analisar os desdobramentos do processo de ingresso na Universidade após a semana de integração.

Acreditamos que os momentos iniciais do estudante na universidade são essenciais para sua integração, pois o primeiro ano é um período delicado de socialização à vida acadêmica, implicando em muitas adaptações. Essa etapa de transição entre ensino médio e ensino superior se dá em um extenso conjunto de alterações, quando acontece de maneira positiva, proporciona oportunidades singulares no desenvolvimento do universitário. Embora haja alguns estudos sobre a temática integração à universidade, o ingresso daqueles estudantes que passam pela lista de espera e têm sua convocação após o início das aulas é pouco discutido e novos estudos e reflexões acerca desse tema se fazem necessários.

Pra atingir esses objetivos, além de um levantamento bibliográfico, será realizada entrevista, durante o 1º semestre de 2018, com estudantes ingressantes da quarta chamada de convocação para matrícula do ano de 2013.

#### **Procedimentos:**

A entrevista será realizada em formato de roda de conversa, na qual a pesquisadora, também sujeito dessa pesquisa, compartilhará sua experiência de ingresso. Será agendado um horário de acordo com a disponibilidade das(os) estudantes. A entrevista será gravada com aplicativo gravador de voz de aparelho celular e transcrita na íntegra. A transcrição da entrevista retornará à(ao) entrevistada(o) para que possa revisá-la e indicar alterações que julgue necessárias. Os dados obtidos através da entrevista serão utilizados exclusivamente para o fim de pesquisa. Sendo preservada a identidade das(os) estudantes.

#### **Desconfortos e riscos:**

O presente trabalho não representará riscos físicos ou psicológicos e não causará desconfortos previsíveis à participante. A qualquer momento você é livre, se assim desejar, de abster-se na continuidade da pesquisa, sem que isto acarrete algum prejuízo ou represália. Neste trabalho, você não terá quaisquer custos. A entrevista terá duração de aproximadamente duas (2) horas e será feita no seu horário disponível.

#### **Benefícios:**

Este estudo não trará benefícios econômicos ou acadêmicos diretos aos participantes envolvidos e os benefícios indiretos obtidos serão de ordem pedagógico científica, podendo contribuir com ações futuras em torno da temática.

**Acompanhamento e assistência:**

As pesquisadoras ficarão à disposição dos sujeitos pesquisados para esclarecimento de dúvidas sobre o estudo durante e após o preenchimento deste instrumento.

**Ressarcimento e Indenização:**

O consentimento não é obrigatório; a qualquer momento você poderá retirá-lo e conseqüentemente excluir suas informações do conjunto de dados, desde que entre em contato com a responsável pela pesquisa. A retirada do consentimento não implicará em nenhum tipo de dano.

**Armazenamento de material:**

O material referente à pesquisa realizada contará com registro de áudio da entrevista feita com as(os) estudantes. Esse material será armazenado pela pesquisadora responsável por 5 anos, sendo descartado após este período. Uma parte da transcrição desse material será publicado no trabalho de conclusão de curso e posteriormente apresentado em eventos científicos e, se possível, publicado.

Caso concorde com a participação na pesquisa, pedimos que assine esse documento e rubrique todas as páginas. O presente termo está sendo entregue em duas (2) vias, uma que ficará de posse da participante do estudo e outra de posse das pesquisadoras. Caso necessite de maiores informações nos colocamos à disposição. Seguem abaixo informações do Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp para o recebimento de denúncias e/ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa. Dúvidas relacionadas à pesquisa serão esclarecidas pelas pesquisadoras.

**O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP):**

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas. Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões

éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicamp das 8:30 às 11:30 e das 13:00 às 17:00, no seguinte endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126. CEP: 13083-887. Campinas/SP. Telefone: (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187. E-mail: cep@fcm.unicamp.br.

**Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras:

Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança (Pesquisadora Responsável).

Professora da Faculdade de Educação

Av. Bertrand Russell, 801, Cidade Universitária “Zeferino Vaz”

CEP 13083-865. Campinas - SP - Brasil

Fone: (19) 3521-7968 e (19) 98866-3637

E-mail: inesfsb@unicamp.br

Caroline Daniela Julio (Participante/Graduanda)

Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp

Avenida José Pedro de Oliveira, 113, Jardim América

CEP 13140-693 – Paulínia - SP

Fone: (19) 98711-5230 ou (19) 3874-4920

E-mail: carol.danielaj@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6641230589419709>

Após ter sido esclarecida sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar ciente dos objetivos da pesquisa “Narrativas e memórias de ingressantes na quarta chamada do curso de Pedagogia Unicamp”. Se desejar, posso abster-me da participação no estudo sem quaisquer prejuízos. Declaro receber uma via original deste documento assinada pela Pesquisadora Responsável/Orientadora e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome \_\_\_\_\_ da \_\_\_\_\_ participante:

Idade: \_\_\_\_\_ Ano de Ingresso: \_\_\_\_\_

Contato telefônico: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Responsabilidade da Pesquisadora Responsável/Orientadora:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pela participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável/Orientadora

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## APÊNDICE 2

### ROTEIRO DE CONVERSA

- Relate experiências que considere significativas de sua trajetória no ensino fundamental e no ensino médio.
- Como avalia a influência de sua família e grupo social em seu processo de escolarização.
- Em qual tipo de escola frequentou na Educação Básica. Privada ou pública?
- Como foi o processo de preparação para o vestibular?
- Frequentou curso pré-vestibular? Se sim, popular ou privado?
- Exercia algum trabalho remunerado durante a preparação para o vestibular? E durante a graduação?
- Como foi a espera pela lista de chamada/aprovação no vestibular?
- Como foi o momento da confirmação/descoberta da convocação para matrícula? E a realização da matrícula presencial na instituição?
- Como foi a chegada na Universidade, os momentos iniciais da vida acadêmica? Quais sentimentos foram despertados?
- Conte como foi o processo de Adaptação a Universidade e ao curso.
- Como se deu a integração com seus colegas? Foi acolhido pela turma? E quanto ao espaço físico?
- Considera que não ter participado dos eventos de integração da primeira semana de aula interferiu no seu processo de adaptação?